

MULHERES OKINAWANAS, MIGRAÇÃO E RETORNO: leitura crítica de Okinawan Women's Stories of Migration

Okinawan Women, Migration and Return: A Critical Reading of Okinawan Women's Stories of Migration

Gustavo Lunardelli Trevisan¹

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6416220106910013>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4175-7910>

E-mail: g.trevisan@unesp.br

Recebido em: 20/04/2026.

Aprovado em: 14/07/2026.

Editora responsável: Vitoria Ferreira Doretto

¹ Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com pesquisas voltadas à otimização de conteúdos informacionais para mecanismos de busca científicos (Scientific SEO e Academic Search Engine Optimization ASEO), recuperação da informação e experiência do usuário em ambientes digitais.



Revista de Estudos da Ásia, Recife, v. 2, n. 1, e270277, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 3086-4526

<https://doi.org/10.51359/3086-4526.2026.270277>



Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. **Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)**. Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou

licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

A **Revista de Estudos da Ásia** não se responsabiliza por conceitos, análises, opiniões e ideias apresentados pelos autores dos textos, nem por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e quaisquer outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela reprodução e utilização de imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

RESUMO

Apresenta a resenha crítica do livro *Okinawan Women's Stories of Migration: From War Brides to Issei*, de Johanna O. Zulueta, destacando sua contribuição para os estudos de migração, gênero, identidade, curso de vida e Okinawa pós-guerra. Trata-se de texto analítico-interpretativo, construído a partir da leitura do livro e de sua confrontação com autores que discutem noivas de guerra, migração de retorno, agência feminina, estigma, militarização e abordagem do curso de vida. A obra dialoga com os estudos sobre as noivas de guerra do eixo Estados Unidos-Japão e Okinawa-Filipinas, evidenciando as trajetórias femininas produzidas no contexto da ocupação militar, do pós-guerra e das assimetrias entre o centro e a periferia. Ao recuperar a autodenominação Issei, a autora discute a importância da memória, agência e pertencimento. O livro também observa o casamento intercultural, retorno, religião, velhice e decisões de fim de vida, ampliando o escopo analítico do campo. A obra oferece contribuição relevante para os estudos migratórios e sociológicos acerca das diásporas asiáticas e participação das mulheres na elaboração e ressignificação das experiências migratórias.

Palavras-chave: mulheres okinawanas; migração feminina; casamentos interculturais; retorno migratório; envelhecimento e migração. (palavras-chave de 03 a 05)

ABSTRACT

This critical review examines Johanna O. Zulueta's *Okinawan Women's Stories of Migration: From War Brides to Issei*, highlighting its contribution to studies of migration, gender, identity, the life course, and postwar Okinawa. It is an analytical and interpretive text based on a close reading of the book and its engagement with authors who address war brides, return migration, female agency, stigma, militarization, and the life-course approach. The work engages with scholarship on war brides within the United States–Japan and Okinawa–Philippines contexts, bringing to light women's trajectories shaped by military occupation, the postwar period, and asymmetries between center and periphery. By recovering the self-designation Issei, the author discusses the significance of memory, agency, and belonging. The book also examines intercultural marriage, return migration, religion, old age, and end-of-life decisions, thereby broadening the field's analytical scope. It offers a relevant contribution to migration and sociological studies concerning Asian diasporas and women's participation in the construction and reinterpretation of migratory experiences.

Keywords: Okinawan women; female migration; cross-cultural marriages; return migration; ageing and migration.

MULHERES OKINAWANAS, MIGRAÇÃO E RETORNO

leitura crítica de *Okinawan Women's Stories of Migration*

1 INTRODUÇÃO

A obra *Okinawan women's stories of migration: from war brides to issei*, de Johanna O. Zulueta, insere-se no campo interdisciplinar dos estudos migratórios, da sociologia da família, dos estudos de gênero e das investigações sobre Okinawa no pós-guerra. O objeto central do livro é a trajetória das mulheres okinawanas que, durante a ocupação aliada de Okinawa, entre 1945 e 1972, estabeleceram relações conjugais com filipinos que trabalhavam em bases militares norte-americanas e migraram para as Filipinas, retornando, em muitos casos, décadas depois, já em idade avançada.

O livro destina-se, em especial, a pesquisadores e estudantes interessados em migração, casamentos interculturais, envelhecimento, identidade e Ásia Oriental, mas também oferece subsídios a leitores que investigam os efeitos sociais da guerra e da ocupação militar sobre biografias ordinárias. A relevância da autora decorre de sua inserção acadêmica no campo da sociologia, e de seu contato com a temática, amadurecida em pesquisa doutoral, pós-doutoral e em produção anterior sobre Okinawa e mobilidade transnacional (Zulueta, 2017).

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A organização do livro é disposta em capítulos, sendo o capítulo introdutório, em que a autora delimita a categoria “*war bride*”² para apresentar o enfoque do curso de vida e explicitar suas notas metodológicas, avançando, subsequentemente, para a reconstrução do contexto histórico da Batalha de Okinawa e da ocupação americana.

Em seguida, descreve o percurso migratório das mulheres okinawanas rumo às Filipinas, examinando os processos de estigmatização, que reconstitui a emergência da autodenominação

² *War bride* (“noiva de guerra”) designa, de modo geral, a mulher que, durante ou após um conflito armado ou ocupação militar, casou-se com um integrante das forças ocupantes ou com um estrangeiro cuja presença no território estava vinculada à estrutura militar. No contexto estudado por Zulueta, a expressão abrange as mulheres okinawanas que se relacionaram e se casaram com militares ou trabalhadores estrangeiros empregados nas bases norte-americanas, especialmente filipinos, migrando posteriormente para o país dos maridos. Embora funcione como categoria histórica e migratória, o termo também carrega sentidos de dependência, estigma moral e subordinação da identidade feminina ao vínculo conjugal, razão pela qual muitas dessas mulheres preferiram identificar-se como Issei, enfatizando sua condição de migrantes de primeira geração e sua agência na construção da própria trajetória (N.A.).

*Issei*³, e incorporando as histórias de vida das mulheres que permaneceram no país de destino. Os capítulos posteriores tratam do retorno a Okinawa, da função do catolicismo e da Igreja Católica na reinserção social dessas mulheres, e, por fim, do entrelaçamento entre migração, morte, religião e decisões de fim de vida. Em conclusão, a autora retoma o argumento geral e reposiciona Okinawa para além do eixo explicativo mais recorrente centrado na relação Estados Unidos-Japão.

A principal linha de diálogo do livro está em mostrar que o casamento entre mulheres okinawanas e filipinos não pode ser interpretado como episódio marginal ou variação exótica do fenômeno denominado noivas de guerra. Ao contrário, Zulueta reconstrói o processo como resultado de condições históricas muito específicas, onde são discutidas a devastação bélica, a militarização do território, a presença de trabalhadores de países terceiros em bases estadunidenses, a reconfiguração do trabalho feminino e as hierarquias de raça, classe e gênero no pós-guerra. Assim, as trajetórias das mulheres okinawanas perpassam o *status* de histórias privadas e passam a ser compreendidas como expressão de uma ordem geopolítica mais ampla, na qual intimidade, mobilidade e império se articulam de modo indissociável.

A discussão acerca da *war brides* concentrou-se nas mulheres japonesas que migraram para os Estados Unidos ou para a Austrália, enfatizando a assimilação, aculturação, cidadania e preconceito enfrentados em países ocidentais, a qual Zulueta, observa que a centralidade do eixo Japão-Estados Unidos obscureceu as experiências que ocorreram no interior da Ásia e no âmbito do Sul Global e nesse ponto, sua contribuição é duplamente relevante, pois restitui a visibilidade a um grupo pouco explorado pela bibliografia e porque evidencia que a ocupação de Okinawa foi um processo transnacional mais complexo do que sugerem as narrativas restritas à oposição entre ocupantes norte-americanos e população local.

Outro núcleo conceitual importante da obra reside na disputa em torno das categorias de nomeação, que em vez de tomar “*war bride*” como designação neutra, a autora problematiza a carga moral, racial e sexual que historicamente acompanhou esse rótulo. A expressão remete a uma mulher definida prioritariamente pelo vínculo com o militar ou com a estrutura ocupante, frequentemente reduzida à dependência, à suspeição moral ou à condição de espólio humano da guerra.

³ *Issei* é um termo japonês que significa, “primeira geração”. No contexto migratório, designa a geração de pessoas que realizou diretamente a migração para outro país, isto é, os imigrantes de primeira geração. No livro, o termo é empregado para nomear as mulheres okinawanas que migraram para as Filipinas, distinguindo-as como migrantes pioneiras e como sujeitas ativas de sua própria trajetória, e não apenas como “*war brides*”. A autora também observa que essas mulheres preferiam identificar-se como *Issei* porque o termo enfatizava seu processo migratório, sua agência e seu papel na reprodução e transmissão da cultura okinawana (N.A.).

Em contraposição, a autodenominação *Issei*, mobilizada pelas próprias mulheres, representa o pioneirismo migratório e a transmissão cultural e não se trata, portanto, de simples troca terminológica, mas de uma disputa por enquadramento narrativo. Para a autora, as mulheres ao nomearem-se *Issei* reivindicam o seu lugar ativo na produção da própria história e desloca o foco do estigma para a experiência migratória.

A reconstrução da categoria “*Haponesa*”⁴ aprofunda o entendimento, ao examinar a maneira como as mulheres okinawanas foram identificadas nas Filipinas, como japonesas, e como o fenômeno assumiu a ambivalência de distinção, discriminação e alteridade. A autora infere que a identidade migrante da mulher okinawana não se reduz à origem territorial, uma vez que é produzida em contextos situados, perpassados por memórias da guerra, nacionalismos, estratificações étnicas e relações familiares.

A análise prossegue à geração seguinte, observando como o estigma das mulheres okinawanas não se encerra na primeira experiência migratória, repercutindo sobre seus filhos e descendentes, onde a autora traz o entendimento da migração como processo relacional, intergeracional e temporalmente prolongado.

A opção pela perspectiva do curso de vida sustenta boa parte da coerência interna da obra, e, em vez de fragmentar a experiência migratória em momentos estanques, Zulueta acompanha as transições, continuidades e inflexões, como por exemplo, a juventude em contexto de guerra, o casamento intercultural, a mudança de país, a maternidade, o envelhecimento, o retorno e as decisões sobre morte e sepultamento.

A autora traz em sua abordagem a reflexão que permite ao leitor observar as mulheres não como sujeitos totalmente autônomos, tampouco como efeitos passivos das instituições, mas protagonistas que fazem escolhas, negociam vínculos, reinterpretem pertencimentos e administram perdas, no entanto, inseridas em uma atmosfera de constrangimentos históricos objetivos e essa é uma das razões pelas quais a leitura do livro produza a reflexão às questões sociais.

Acerca da metodologia, a obra se apoia no uso da etnografia, observação participante, entrevistas e consulta a documentos históricos e arquivos. O recorte do livro é centrado em torno da *Oroku Catholic Church*, em Naha, e revela-se produtivo, uma vez que transforma a

⁴ A autora refere-se a *Haponesa* sendo a forma feminina de *Hapon*, termo da língua *tagalog* empregado para designar uma mulher japonesa. No contexto filipino do imediato pós-guerra, o termo adquiriu sentido estigmatizante, pois passou a associar as mulheres japonesas e também as okinawanas, frequentemente percebidas sem distinção à memória da ocupação e às violências cometidas pelo Japão durante a Segunda Guerra Mundial. A reconstrução dessa categoria permite compreender como uma designação aparentemente descritiva foi racializada, generificada e convertida em marcador de alteridade, discriminação e pertencimento social (N.A.).

comunidade religiosa em observatório de memória e o texto é honesto ao reconhecer dificuldades de acesso, silêncios, hesitações das interlocutoras e desafios de tradução cultural e linguística.

O reconhecimento acerca das limitações da pesquisa explicita as mediações por meio das quais o conhecimento foi produzido. Um dos aspectos mais originais do livro está no tratamento do retorno a proposto em seu objeto de análise. Em muitos estudos migratórios, retornar tende a aparecer como fechamento do ciclo ou como a simples regressão ao ponto de origem ao qual Zulueta recusa tal visão linear. O retorno tardio dessas mulheres a Okinawa não significa a recomposição automática do pertencimento ao lugar e ao contrário, exige novos ajustes, reinscrições e negociações identitárias.

Nessa perspectiva, o “lar”, antes concebido como lugar fixo, é compreendido como construção afetiva, relacional e histórica e tal interpretação aproxima a obra de discussões sobre a migração de retorno que veem o movimento como uma nova etapa da trajetória, marcada por ambiguidades, reencaixes familiares e reinterpretções do passado.

Também merece destaque a incorporação da dimensão religiosa, onde o catolicismo é trazido no livro como instância de acolhimento, mediação comunitária e reorganização do pertencimento. Ao acompanhar a vida paroquial e os rituais ligados à velhice, à doença e à morte, a autora observa como a religião, o gênero e a migração se entrelaçam na definição do que conta como cuidado, memória e dignidade no fim da vida.

Ainda, a autora amplia o escopo da análise para além da migração laboral ou conjugal, alcançando a experiência existencial do envelhecimento migrante. Trata-se, portanto, dos trechos mais consistentes da obra, porque conecta debates sobre mobilidade, retorno e morte sem recorrer a simplificações culturalistas.

O livro dialoga com a historiografia de Susan Zeiger (2010), para quem a categoria *war bride* permite observar, ao longo do século XX, a projeção de ansiedades políticas, raciais e morais sobre mulheres ligadas a soldados norte-americanos. Zulueta converge no entendimento ao reconhecer que o casamento em contextos de guerra e ocupação é inseparável de regimes de poder, sexualidade e nacionalidade. No entanto a autora diverge com o objeto de análise às mulheres que não migraram para o Ocidente e cujas trajetórias se organizaram no interior da Ásia e tal inflexão impede que o caso Okinawa-Filipinas seja interpretado como derivação periférica de um modelo já consolidado.

O diálogo com estudos sobre noivas de guerra japonesas em contextos ocidentais, como os de Tamura (2011) e Crawford *et al.* (2010), também é pertinente, visto que os trabalhos

foram fundamentais para a compreensão do preconceito, assimilação e treinamento cultural das esposas japonesas que migraram para Estados Unidos e Austrália.

Zulueta recupera esses aportes, mas ressalva que eles não dão conta, sozinhos, do circuito migratório que envolve trabalhadores filipinos em bases norte-americanas. Assim, a autora amplia o próprio conceito de *war bride* e sugere que as formas de mobilidade conjugal produzidas pela guerra variam conforme a posição geopolítica, destino migratório, repertório religioso e inserção social do marido. Essa ampliação é um dos méritos centrais do livro.

A obra também pode ser aproximada das reflexões de Ji-Yeon Yuh (2002) acerca das *military brides* coreanas, em destaque no que se refere ao peso do estigma, da racialização e da pedagogia da adequação feminina. No entanto, Zulueta acrescenta uma perspectiva menos explorada por parte dessa literatura, sendo a velhice migrante e as decisões de fim de vida. Ao fazê-la, aproxima-se dos estudos do curso de vida e da migração de retorno, como os de Wingens (2011) e Cassarino (2004), para os quais mobilidade, temporalidade e pertencimento precisam ser compreendidos em conexão com eventos históricos e instituições. A diferença é que, em Zulueta, a discussão é ancorada em histórias de mulheres marcadas pelo pós-guerra okinawano, o que confere a singularidade.

De uma perspectiva crítica, a obra apresenta coerência entre objetivos, material empírico e conclusões. Sua clareza conceitual é, em geral, satisfatória, sobretudo quando distingue rótulos exógenos de autodenominações e quando articula migração, retorno e curso de vida.

Ainda assim, algumas limitações podem ser registradas. A primeira refere-se ao forte peso conferido à comunidade católica de Oroku como espaço privilegiado de observação. Embora o recorte seja metodologicamente defensável, tende a concentrar a análise em trajetórias atravessadas por um mesmo circuito religioso e comunitário, deixando em segundo plano mulheres menos vinculadas à Igreja, a outras denominações ou a redes não religiosas.

A segunda diz respeito à possibilidade de maior exploração comparativa com outros casos asiáticos de casamento em contexto militar, o que poderia reforçar ainda mais o alcance teórico da obra.

Há ainda a limitação bibliográfica relativa, não por desconhecimento da autora sobre o campo, mas porque o próprio objeto permanece pouco explorado e, por isso, impõe diálogo com uma literatura dispersa. Em certos momentos, o leitor poderia desejar maior interlocução com perspectivas feministas decoloniais e com estudos mais amplos sobre império, intimidade e militarização.

A autora, também indica outras fontes e referências para o aprofundamento do objeto discutido na obra. Ainda, vale observar que as contribuições são numerosas, pois reposiciona a discussão sobre *war brides* ao discutir que a categoria não pode ser tratada de maneira homogênea, tampouco exclusiva a partir do deslocamento para países ocidentais.

No plano metodológico, a obra mostra a potência da etnografia de longa duração associada a uma leitura histórica sensível às temporalidades do pós-guerra, do retorno e da velhice e oferece subsídios para pesquisas sobre memória, comunidades diaspóricas, religiosidade, identidade e envelhecimento migrante.

3 CONCLUSÃO

Em síntese, o livro consiste em uma relevante contribuição para os estudos sobre a migração, gênero, família, religião e envelhecimento e seu principal mérito reside em conferir a visibilidade das trajetórias femininas marginalizadas pelas narrativas nacionais, pelas hierarquias da historiografia migratória e pelo caráter estigmatizante da *war bride*. Ao reconstruir essas experiências, Zulueta evidencia como mobilidade, memória, pertencimento e curso de vida se articulam em contextos marcados pela guerra, pela militarização e pelas desigualdades geopolíticas.

A atenção conferida às circulações das mulheres entre Okinawa e Filipinas amplia a compreensão das conexões intra-asiáticas e das dinâmicas migratórias constituídas no Sul Global. Nessa perspectiva, a obra contribui para os Estudos da Ásia ao questionar abordagens restritas aos Estados nacionais ou às relações entre Ásia e Ocidente, demonstrando que identidades e memórias também se formam por meio de vínculos familiares, redes comunitárias e mobilidades regionais transnacionais.

A obra abre, ainda, caminhos para pesquisas comparativas sobre diásporas asiáticas, diferentes modalidades de retorno, transmissão intergeracional da memória e participação das mulheres na elaboração e ressignificação das experiências migratórias.

REFERÊNCIAS

CASSARINO, Jean-Pierre. Theorising return migration: the conceptual approach to return migrants revisited. **International Journal on Multicultural Societies**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 253-279, 2004.

CRAWFORD, Miki Ward; HAYASHI, Katie Kaori; SUENAGA, Shizuko. **Japanese war brides in America: an oral history**. Santa Barbara: Praeger, 2010.

TAMURA, Keiko. **Michi's memories**: the story of a Japanese war bride. Canberra: ANU E Press, 2011.

WINGENS, Matthias *et al.* **A life-course perspective on migration and integration**. Dordrecht: Springer, 2011.

YUH, Ji-Yeon. **Beyond the shadow of camptown**: Korean military brides in America. New York: New York University Press, 2002.

ZEIGER, Susan. **Entangling alliances**: foreign war brides and American soldiers in the twentieth century. New York: New York University Press, 2010.

ZULUETA, Johanna. Memory, nostalgia and the creation of “home”: a returnee woman’s journey. **Migration Letters**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 263-272, 2017.

ZULUETA, Johanna O. **Okinawan women’s stories of migration**: from war brides to issei. Abingdon; New York: Routledge, 2022.

Como citar (ABNT)

TREVISAN, Gustavo Lunardelli. Mulheres okinawanas, migração e retorno: leitura crítica de Okinawan Women’s Stories of Migration. **Revista de Estudos da Ásia**, Recife, v. 2, n. 1, e270277, p. 1-9, 2026.

Revista de Estudos da Ásia, Coordenadoria de Estudos da Ásia, do Centro de Estudos Avançados da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

ISSN: 3086-4526

Website: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/estudosasia>